



**COLEGIADO DE PSICOLOGIA  
FABÍOLA FARIAS MACEDO RAMOS**

## **A MANDALA E O PROCESSO JUNGUIANO DE INDIVIDUAÇÃO**

**FABÍOLA FARIAS MACEDO RAMOS**

**A MANDALA E O PROCESSO JUNGUIANO DE INDIVIDUAÇÃO**

Trabalho apresentado à disciplina TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, como requisito de aprovação no curso de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Lahiri Lourenço Argollo

ILHÉUS – BA

2024.1

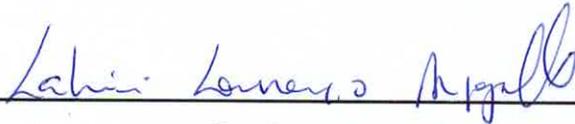
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A MANDALA E O PROCESSO JUNGUIANO DE INDIVIDUAÇÃO**

**FABÍOLA FARIAS MACEDO RAMOS**

**Aprovada em: 14/06/2024**

**BANCA EXAMINADORA**



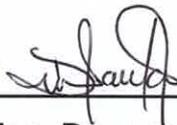
---

**Prof. Me. Lahiri Argollo**  
**Faculdade de Ilhéus – CESUPI**  
**(Orientador)**



---

**Profª. Esp. Laysa Rodrigues Viana Moreira**  
**Faculdade de Ilhéus – CESUPI**  
**(Examinadora I)**



---

**Profª. Esp. Dayane Mangabeira Santana Dias**  
**Faculdade de Ilhéus – CESUPI**  
**(Examinadora II)**

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho de curso em Psicologia representa um momento de grande realização e gratidão em minha vida. Muitas pessoas contribuíram de maneira significativa para que eu alcançasse este objetivo, e gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas elas.

Agradeço ao meu orientador, Lahiri Argollo, por toda a sua base, orientação precisa, paciência e apoio contínuo. Sua expertise, disponibilidade e incentivo constante foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sou grata por suas valiosas contribuições e pela confiança depositada em mim.

À professora Luciana Chagas, que me apresentou à mandala e se tornou uma amiga querida, meu sincero agradecimento. Sua sabedoria, dedicação e apoio foram essenciais para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. A amizade e as trocas significativas que tivemos foram inestimáveis para mim.

Ao professor Magno, agradeço pelo seu direcionamento e orientação. Suas contribuições e insights foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho e para meu crescimento como estudante e futuro profissional.

Aos meus colegas de curso, expresso minha gratidão por cada momento compartilhado. As discussões, trocas de ideias e apoio mútuo foram indispensáveis para o meu crescimento. Vivenciamos juntos cenários fundamentais nesta jornada.

À minha banca orientadora, agradeço pela paciência, cuidado e atenção com aquilo que tenho a expressar a respeito desse trabalho que tão minuciosamente foi tomando forma ao longo do semestre.

À minha família, em especial aos meus pais Pedro e Josete, aos meus tios-pais Gil e Jaíra, aos meus filhos e esposo meu mais profundo agradecimento pelo amor, apoio e compreensão. A paciência e o incentivo de vocês foram meu alicerce ao longo de todo o percurso. Agradeço por sempre acreditarem em mim e proporcionarem as condições necessárias para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Por fim, agradeço à minha natureza interior, que me guiou, motivou e deu forças para enfrentar os desafios. A introspecção e a autodescoberta ao longo desta trajetória foram fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A todos, meu mais profundo agradecimento.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	06
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	09
2.1 A mandala .....	09
2.2 A visão junguiana da mandala.....	1010
2.3 Projeção e individuação.....	12
2.4 Projeção e Métodos projetivos .....	15
2.5 Mandala na prática clínica .....	16
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	17
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	22

## A MANDALA E O PROCESSO JUNGUIANO DE INDIVIDUAÇÃO

Fabíola Farias Macedo Ramos  
Lahiri Lourenço Argollo

### RESUMO

As mandalas são figuras geométricas formadas a partir de um círculo ou um quadrado, configurado em um espaço. São desenhos que simboliza a relação do homem com o cosmos, bem como sua própria estrutura e pensamentos. Sob a ótica da psicologia analítica, Carl Gustav Jung foi o primeiro psicólogo a utilizá-la na prática clínica fazendo uma comparação aos três níveis de consciência. Nesse sentido a prática desenvolvida através das mandalas, no processo terapêutico, proporciona uma reflexão sobre as ações do indivíduo, permitindo tanto o paciente quanto o terapeuta conhecer suas principais dificuldades. Portanto, esse trabalho propõe investigar as implicações do uso da mandala como técnica projetiva na prática clínica de orientação junguiana, bem como suas possíveis contribuições para o processo de individuação e o bem-estar emocional dos pacientes. Assim, discute-se sobre as possibilidades e benefícios do uso da mandala na psicologia analítica e as novas perspectivas sobre a interação entre símbolos arquetípicos e o processo de individuação, sobre a utilização da mandala na terapia junguiana, proporcionando insights da integração de aspectos inconscientes da psique que podem facilitar o processo de individuação e contribuir para o bem-estar emocional e psicológico dos pacientes.

**Palavras-chave:** Jung. Psique. Inconsciente. Projeção. Self. Símbolos arquetípicos.

### ABSTRACT

Mandalas are geometric figures formed from a circle or square, configured in a space. These are drawings that symbolize man's relationship with the cosmos, as well as his own structure and thoughts. From the perspective of analytical psychology, Carl Gustav Jung was the first psychologist to use it in clinical practice, making a comparison of the three levels of consciousness. In this sense, the practice developed through mandalas, in the therapeutic process, provides a reflection on the individual's actions, allowing both the patient and the therapist to understand their main difficulties. Therefore, this work proposes to investigate the implications of using the mandala as a projective technique in Jungian-oriented clinical practice, as well as its possible contributions to the individuation process and the emotional well-being of patients. Thus, we discuss the possibilities and benefits of using the mandala in analytical psychology and new perspectives on the interaction between archetypal symbols and the individuation process, on the use of the mandala in Jungian therapy, providing insights into the integration of unconscious aspects of the psyche that can facilitate the individuation process and contribute to the emotional and psychological well-being of patients.

**Keywords:** Jung. Psyche. Unconscious. Projection. Self. Archetypal symbols.

## 1 INTRODUÇÃO

A psicologia analítica desenvolvida por Carl Jung, é um dos métodos mais utilizados dentro da terapia clínica, no qual defende a individualidade de cada paciente e administra seus problemas e comportamentos com foco na personalidade e todos os seus fatores. Nos estudos desenvolvidos por Jung acerca da psicologia analítica ele se interessou pelo inconsciente e a formação da psique, além de focar nos produtos do pensamento analógico (sonhos, imagens, fantasias, mitos), dando ênfase aos símbolos como forma de expressar através de desenhos o inconsciente (Gonçalves, 2021).

Os símbolos são a representação do desconhecido, no qual pode ser expresso através de imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes. Um dos símbolos mais estudados pelo autor foi a mandala, a interpretação desse, é um recurso, que deve ser explorado como sendo essencial na clínica Junguiana, por revelar de forma não verbal, as manifestações inconscientes, não acessíveis pelos métodos convencionais de análise (Serbena, 2010).

A mandala é um desenho geométrico que simboliza a relação do homem com o cosmos, bem como sua própria estrutura e pensamentos, possibilitando o seu retorno ao sagrado. Alguns psicólogos há tempos dispõem de mandalas para seus pacientes desenharem, assim eles conseguem olhar para dentro de si e enxergar seus problemas internos, procurando soluções para resolvê-los, essa prática tem como objetivo clínico expor seus problemas pessoais e psicológicos mesmo aqueles que acreditamos não ser tão exteriorizados, e permite que a aura interna entre em equilíbrio com o corpo, resgatando necessidades e desejos profundos (Garcia, 2022).

Nos dias atuais o desenho das mandalas tornou-se popular em diversos ambientes, seja na decoração, nas escolas, nos livros de colorir, no vestuário e em oficinas artísticas tanto para crianças como adultos. Embora no processo terapêutico não ser ainda tão bem utilizada, as mandalas tem a função de trazer benefícios para a psique, mesmo que seu observador não tenha conhecimento sobre ela, podendo ser utilizar de várias maneiras, como para um propósito específico, como para trabalhar áreas específicas da vida, como também para observar a sombra e para muitas outras finalidades (Reis, 2014).

Diante disso questiona-se: Quais as implicações do uso da mandala como técnica projetiva na prática clínica de orientação Junguiana e possíveis contribuições para o processo de individuação e o bem-estar emocional dos pacientes?

As mandalas criadas pelos pacientes configuram-se como símbolos pessoais significativos, que têm um papel importante em suas vidas e em sua jornada de individuação. Isso pode proporcionar um senso de propósito e significado. Por isso, a utilização da mandala como técnica projetiva na prática clínica de orientação junguiana pode promover a integração de aspectos inconscientes da psique do indivíduo, facilitando o processo de individuação e contribuindo para o seu bem-estar emocional e psicológico.

O objetivo desse estudo foi investigar as implicações do uso da mandala como técnica projetiva na prática clínica de orientação junguiana, bem como suas possíveis contribuições para o processo de individuação e o bem-estar emocional dos pacientes.

Para tanto foi proposto uma revisão bibliográfica de caráter descritivo e exploratório, desenvolvida a partir de materiais elaborados, tais como: pesquisas, artigos, livros e outros trabalhos tornado público. Os critérios de inclusão são: artigos científicos publicados dentro do recorte temporal de 07 anos (dada a escassez de materiais em recorte inferior a esse, detectada em investigação prévia), artigos que foram disponibilizados de maneira completa, material publicado em português e em inglês. Já os critérios de exclusão são artigos: publicados fora do recorte temporal e que tenham incluído inclusão de método de pesquisa alternativo, artigos disponibilizados de maneira parcial e artigos duplicados. A coleta de dados seguiu esta ordem: leitura exploratória do título e objetivos, leitura dos materiais previamente filtrados na leitura inicial, registro das informações extraídas a partir das leituras dos materiais incluídos neste estudo.

Esse estudo pretende contribuir para a compreensão do uso da mandala como instrumento clínico, apresentando as vantagens oferecidas por esse método de trabalho. O profissional da área da Psicologia pode desenvolver suas habilidades teóricas e técnicas, a fim de atingir resultados positivos através da utilização da mandala.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A mandala

As mandalas são figuras geométricas formadas a partir de um círculo ou um quadrado, configurado em um espaço. São imagens universais e atemporais que, de forma difusa e imprecisa, podem ser moldadas em areia, desenhadas, pintadas ou configuradas através de técnicas mistas com o emprego de alto-relevo em madeira ou metal a partir de traços ou pontilhados (Raffaelli, 2009). A palavra “mandala” originou-se do dialeto sânscrito, e significa “círculo mágico” ou “concentração de energia”, foi inicialmente utilizado no lamaísmo e também na ioga tântrica como mantra ou instrumento de contemplação (Jung, 2011).

Os primeiros registros desses desenhos datam do século VIII, na Índia, posteriormente avistadas na China e no Japão. No continente asiático, esse tipo de pintura era muito usado, principalmente pelos monges do Budismo como instrumento auxiliar na concentração e meditação. Com o tempo, as mandalas também passaram a serem vistas no hinduísmo e no taoísmo. Já no continente americano, foram vistas inicialmente nos cultos religiosos entre os séculos XVI e XVIII, mais precisamente nas igrejas católicas, enfeitando os seus vitrais e paredes (Chandra; Kumar, 2005).

Dentre os tipos de mandalas destacam-se: mandalas de cura, mandalas de meditação, mandalas de areia, mandalas de cristal e mandalas de arte, cada uma delas possui um propósito diferente, sendo usado de maneiras diferentes. As cores utilizadas nos desenhos também têm significados diferentes, por exemplo, o vermelho é frequentemente associado à paixão e à energia, enquanto o azul pode simbolizar a serenidade e a calma (Ramos, 2006)

Boechat (2022) afirma alguns benefícios encontrados na mandala são: concentração, foco, inspiração e criatividade. Por isso, entende-se que a disseminação desse símbolo em várias culturas deva-se ao fato do mesmo ser refletido para o subconsciente (projeção), na qual traduz a ideia de perfeição que os seres humanos pretendem alcançar.

Sousa (2012) descreve que seu poder de decisão ao lidar com a escolha de cores e padrões geométricos distintos são relevantes para expressar o seu eu interior e a individuação pessoal, bem como personalidade, sentimentos e

emoções. Desta maneira, a mandala vem sendo utilizada para tratamentos em psicopatologias.

Esses fenômenos psicológicos foram investigados por Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, dando-lhes um caráter simbólico. Para o autor, o símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, pois ele representa por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidas da consciência.:

[...] As mandalas não provêm dos sonhos, mas da imaginação ativa [...] As mandalas melhores e mais significativas são encontradas no âmbito do budismo tibetano [...] Uma mandala deste tipo é assim chamado “yantra”, de uso ritual, instrumento de contemplação. Ela ajuda a concentração, diminuindo o campo psíquico circular da visão, restringindo-o até o centro (Jung, 2002, p.347-381)

Neste sentido, o indivíduo está sempre convocado a obrar-se como a arte durante sua vida, e a clínica, a partir das mandalas, deseja trazer um pouco mais dos sentidos da teoria junguiana. Compreende-se, no entanto, que certos motivos correspondem a determinadas etapas do processo terapêutico, tratando-se de uma nova ordenação da personalidade, uma nova canalização que empurra o paciente a percorrer um caminho indicado pelas formações arquetípicas (Valladares, 2008).

## **2.2 A visão junguiana da mandala**

O primeiro psicólogo a utilizar a mandala como instrumento na psicologia analítica foi também o seu fundador Carl Gustav Jung, que a utilizava fazendo uma comparação aos três níveis de consciência através da imagem da mandala que consolidava o Ser interior e o favorecimento da meditação profunda. Essa prática tinha o intuito de inspirar a serenidade e ajudar a reencontrar o sentido e ordem na vida, do qual possui dupla eficácia: conservar a ordem psíquica, se ela já existe ou restabelecê-la, se ela desapareceu. Neste último caso, exerce uma função estimulante e criadora (Dibo, 2006).

Na concepção de Jung, o centro de uma mandala, primeiramente, pertence à consciência, depois, ao assim chamado inconsciente pessoal e,

finalmente, a um segmento de tamanho indefinido chamado inconsciente coletivo, cujos arquétipos são comuns a toda humanidade. O autor utilizou as mandalas como instrumento conceitual para analisar e assentar as bases sobre as estruturas arquetípicas da psique humana, ainda considerava que o comportamento humano se molda de acordo com duas estruturas básicas da consciência: a individual e a coletiva. A primeira se aprenderia durante a vida em particular, e a segunda se herdaria de geração em geração (Von Franz, 2002).

Diz Jung:

Este centro não pensando como sendo o “eu”, mas se assim se pode dizer, como o “si mesmo”. Embora o centro represente, por um lado, um ponto mais interior, a ele pertence também, por outro lado, uma periferia ou área circundante, que contém tudo quanto pertence a si mesmo, isto é, os pares de opostos, que constituem o todo da personalidade (Jung, 2002, p. 352)

O inconsciente propõe uma desconcertante profusão de definições para a mandala ou Selbst (si-mesmo). O único ponto de vista aplicável é o psicológico e deste ponto de vista (psicológico), tudo aquilo que pode ser agrupado sob o conceito global de mandala parece ser a essência de determinada atitude. As atitudes conhecidas da consciência exprimem intenções e metas que podem ser definidas. A atitude voltada para o si-mesmo, porém, é a única que não tem meta definível, nem intenção visível. Não obstante, define-se o “si-mesmo” como sendo a totalidade da psique consciente e inconsciente (Jung, 2016).

A mandala visível em sonhos e estados de conflito psicótico permite ao psicólogo investigar de forma mais profunda no sentido funcional, estados psicológicos, tornando-se possível observar também em estados de dissociação psíquica ou de desorientação, nesses estados observa-se tal imagem circular, compensando a desordem e a perturbação psíquica (Arcuri, 2009).

Os limites da psique quanto a sua restrição do si-mesmo pode ser considerada anticientífico, isso porque esses limites são ignorados e jazem no inconsciente, o qual é definido como limites da consciência (psiquismo desconhecido), logo, ilimitado. Não devemos, pois, surpreender-nos se as manifestações empíricas dos conteúdos inconscientes apresentarem características de algo sem limites e não determinado por espaço e tempo. Tal qualidade é numinosa e, portanto, assustadora, principalmente para quem reflete

atentamente, cômico do valor de conceitos bem delimitados (Mendonça; Brito, 2017).

Jung, em suas pesquisas, mostrava existir um impulso natural para vivenciar o potencial humano e realizar o padrão da personalidade genuína, denominando-o de "individuação". Entre as culturas oriental e ocidental, a mandala corresponde a uma imagem ligada ao instrumento de meditação: círculos abstratos que também representam o esclarecimento, a iluminação e a perfeição humana, e, de outro lado, no mundo ocidental, as mandalas aparecem como rosáceas das catedrais cristãs, e relacionadas, psicologicamente, ao Self como a totalidade, na psicologia analítica (Von Franz, 2002).

### **2.3 Projeção e individuação**

Projeção é definida como a atribuição a terceiros ideias ou impulsos que lhe são próprios de um indivíduo. Inicialmente na psicanálise, Freud foi o precursor desse modelo, utilizado como um mecanismo patológico pertencente a paranoia, posteriormente considerado um mecanismo de defesa primário, comum em todos os indivíduos, o qual levava o sujeito a espelhar em outra pessoa ou objeto seus próprios desejos, cuja origem é desconhecida pelo mesmo (Mendonça; Brito, 2017).

A projeção é um fenômeno psíquico automático e espontâneo que se caracteriza, como um mecanismo de defesa no qual os atributos pessoais de determinado indivíduo, sejam pensamentos inaceitáveis ou indesejados, sejam emoções de qualquer espécie, são atribuídos a outras pessoas, existentes independentemente da vontade, onde, de maneira involuntária, os conteúdos subjetivos aparecem como se pertencessem a um objeto externo ou a outra pessoa (Costa; Argollo, 2022).

A primeira menção sobre projeção foi proposta por Freud em 1950, em uma carta escrita a Fliess sobre o conceito de paranoia. O mecanismo foi desenvolvido em outros momentos de sua obra até a proposta final, em "Totem e Tabu", de que a projeção não é utilizada unicamente em situações onde há conflito, mas sim que é um mecanismo normal que faz com que a percepção de mundo seja alterada de acordo com as vivências afetivas anteriores, sejam elas agradáveis ou não. Freud passou a utilizar o termo como sendo normal e não

patológico, ocorrendo por exemplo com frequência nas superstições (Freud, 1913)

Freud ao teorizar sobre o universo psíquico, contudo, as análises projetivas deram início ao conteúdo do inconsciente, no qual estão além da vivência pessoal do indivíduo que os projetou. Jung (2016), inicialmente discípulo de Freud, percebeu isto, e em suas análises assumiu que o inconsciente possuía conteúdos que não se limitavam ao próprio indivíduo, mas a toda a humanidade, surgindo daí a definição de inconsciente coletivo.

Na psicologia de Jung (2016) a projeção foi essencialmente uma tendência natural inerente ao ser humano, desse modo não se tratando de um fator patológico. Não discordando da teoria de Freud, Jung relata que esse fenômeno não é influenciado pela consciência, podendo esse ser manifestado de forma involuntária, no qual torna a pessoa incapaz de impedir e mesmo saber a princípio que está acontecendo.

A manifestação ocorre quando conteúdos inconscientes de um sujeito ou grupo se mostram de maneira que pareçam pertencer a outro indivíduo, objeto ou grupo. Tal acontece em decorrência da negação dos próprios conteúdos inconscientes que, não sendo aceitos, são depositados sobre o outro. Conteúdo dos complexos possuem autonomia em relação ao ego, que tende a negar o que não está sobre seu domínio, com a aparente percepção de não lhe pertencerem. Não sendo integrados diretamente à consciência, esses conteúdos se manifestam, a princípio, por meio da projeção. Ou seja, a projeção ocorre no momento que a consciência não se dá conta que está sob influência do inconsciente. Segundo Jung, o esclarecimento das projeções (mecanismo de defesa) contribui para que o processo caminhe rumo à individuação. Através do processo de individuação, torna-se possível que o sujeito transforme sua relação com seus conteúdos, resignificando o que antes estava fora de cena e integrando em si novas representações. A individuação na prática clínica engloba o desenvolvimento da personalidade, no qual é tida como necessidade natural faz parte da natureza inata do ser humano, não devendo ser impedida, se não, prejuízos seriam evidentes (Trento *et al*, 2021).

A individuação se depara com barreiras de forma individual e cultural e então, impõe na prática clínica a racionalidade sobre o homem contemporâneo, afim de atingir para conseguir atingir um padrão de organização e disciplina,

promove uma repressão de aspectos inconscientes da sua personalidade, o que tem lhe colocado em um estado de grande sofrimento (Rocha, 2018). “Quanto mais a consciência se diferencia, tanto maior o perigo da sua separação da raiz” (Jung, 2008, p. 164).

O sofrimento para Jung é algo necessário, e para que, o homem possa superá-lo precisa ser suportado, esse estágio transformará o homem e transfigurá-lo-á. Através do sofrimento, é transcendido a busca do que é perfeito e verdadeiro. O sofrimento também é observado como uma porta para a salvação, presente no ideal de manifestação arquetípica da busca pelo elo perdido, em todas as culturas, na qual o indivíduo, para alcançar o paraíso, precisa viver e superar as dificuldades e as provações. O sofrimento representa o passar pelo vale para alcançar o cume do monte onde está a recompensa (Jung, 2016).

O indivíduo necessita de uma orientação para que a consciência permita uma abertura às experiências afetivas que o leve a experiências mais profundas, seja uma psicoterapia analítica ou outra orientação nesse sentido. Em outras palavras, abertura ao inconsciente. Prontamente, a partir dessas experiências, a consciência passa a se nutrir de conteúdos afetivos, antes inconscientes. O caminho da individuação mostra-se solitário e árduo, especialmente se houver uma lacuna grande da compreensão da missão ou mesmo beligerância contra ela. Nesse caso, por lacuna em relação a missão, o autor refere-se àqueles sujeitos cujo desejo pelo crescimento ou autodesenvolvimento está presente, entretanto, sem um conhecimento teórico ou auxílio que nesse caso poderia ser uma psicoterapia analítica em relação aos caminhos da individuação. E por beligerância ainda se refere ao desconhecimento sobre a tendência da consciência, o ego, a se opor ao caminho da individuação, incluindo a aceitação de conteúdos inconscientes, desconhecidos ao ego que logo as sente como ameaça (Rocha, 2018).

As mandalas são utilizadas na prática para auxiliar no processo terapêutico, de forma intuitiva para expressar o Self, por ser uma mensagem do inconsciente, de forma simbólica e projetiva. Leva-se em conta as cores utilizadas, a simetria ou a falta dela, a intensidade dos traços e outras características. Mas, é importante que ela nasça de maneira espontânea, sem a preocupação com a estética (Zoja, 2022).

## **2.4 Projeção e Métodos projetivos**

As técnicas projetivas são estímulos desenvolvidos com o intuito de permitir uma variedade de respostas com apresentação pouco estruturada, dando um maior foco nos aspectos qualitativos do desempenho e uma maior interação do psicólogo com o avaliando. As técnicas projetivas se caracterizam pela apresentação de estímulos pouco estruturados, o que permite uma ampla variedade de respostas, maior foco nos aspectos qualitativos do desempenho e uma maior interação do psicólogo com o avaliado (Miguel, 2014).

Um inconsciente ativado é a razão psicológica da projeção, que busca formas de expressão. “Quando a projeção é conscientizada, ela se dissolve e toda a energia projetada retorna ao sujeito, que então se apossa de um tesouro que antes estava camuflado no objeto”. Dessa forma, existe uma ilusão envolvida nesse processo, que se desfaz ao descobrir os fatos aparentes e objetivos que são na verdade conteúdos subjetivos, a partir de então os elementos projetados retornam para a psicologia do indivíduo, não podendo mais ser atribuídos ao objeto. Os métodos projetivos afirmam a possibilidade de dizermos algo sobre alguém, por meio de sua produção, de suas visões diante de estímulos ambíguos (Costa; Argollo, 2022, p. 74).

O uso dessas técnicas projetivas tem como objetivo ampliar a compreensão sobre o sujeito, baseando-se no pressuposto de que a percepção que ele tem sobre determinado objeto é influenciada e determinada pelo seu psiquismo. A psicologia projetiva surgiu em oposição às correntes que voltavam sua atenção para a resposta do indivíduo diante de determinado estímulo externo sem levar em consideração os componentes internos envolvidos nesse processo, referindo-se a um “conjunto de pressupostos, hipóteses e proposições, expresso em métodos projetivos usados por psicólogos clínicos, para o estudo e diagnóstico da personalidade humana” (Costa e Argollo, 2022, p. 74).

## **2.5 Mandala na prática clínica**

A prática desenvolvida através das mandalas, no processo terapêutico, proporciona uma reflexão sobre as ações do indivíduo, permitindo tanto o

paciente quanto o terapeuta conhecer se aproximar das principais dificuldades. Essa técnica proporciona momentos de olhar para o Si mesmo, pois na escolha das cores para colorir, dos símbolos, desenhos e imagens de livre expressão, o sujeito permite expressar-se, deixando fluir a sua vontade e criatividade, estimulando a imaginação que por outras razões não consegue vir à tona (Santo, 2016).

Sua análise possibilita uma maior aproximação com a teoria junguiana e, através dela, das técnicas utilizadas para se abordar o mundo dos símbolos. A manda evidencia-se, em um melhor sentido, como um dispositivo no auxílio prático do processo criativo, permitindo estabelecer relações entre a arte em si e os conteúdos simbólicos contidos no sujeito. Esses conteúdos, que foram considerados como de difíceis de compreender, estabelecem a relação e o vínculo primordial no tratamento psicológico (Santo, 2016).

Para Jung (2002), a representação da mandala varia de acordo com culturas, povos, lendas, crenças, porém, o seu simbolismo participa da tradição introduzida na psicologia com a intenção de designar uma representação simbólica da totalidade, do *Self*.

No Brasil, o pensamento e a práxis Junguiana foram introduzidos pela Dra. Nise da Silveira, no final da década de 1950. Ao recusar-se seguir o tratamento brutal desenvolvido na época (lobotomia), Nise propôs um tratamento que desafiava tudo o que se entendia então por saúde mental, questionando as contradições do sistema psiquiátrico, baseado na exclusão e na violência contra o paciente. Ela desenvolveu uma linha de pesquisa comparada, também chamada de arqueologia da psique, na qual a produção artística de cada cliente poderia ser analisada em comparação a diversos momentos da história da arte (Modelli, 2016).

Meu trabalho não se inspirou na psiquiatria atualmente predominante, caracterizada pela escassa atenção que concede aos fenômenos intrapsíquicos. Ao contrário, meu interesse maior desde cedo se dirigiu no sentido de penetrar, pouco que fosse, no mundo interno do esquizofrênico (Silveira, 2015, p, 186).

Como psicóloga, Nise foi pioneira no trabalho de comunicação com esquizofrênicos graves, o seu método estabelecia inicialmente uma conexão não verbal, dessa forma os desenhos são importantes na construção dessa

comunicação entre paciente e psicólogo. A psicóloga percebia que os pacientes desenhavam muito no chão e nas paredes, algo como que compulsivo. Dessa forma, surgiu a ideia de criar um ateliê de pintura e modelagem, constatando a visão de Jung, segundo a qual se para o neurótico o tratamento é através da palavra, para o esquizofrênico, a palavra não dá conta (Modelli, 2016).

Na condição esquizofrênica o indivíduo está vivendo estados existenciais caracterizados principalmente pela intensa polarização da energia psíquica sobre conteúdo do inconsciente, cisão do curso do pensamento, desligamento do real. Ocorrem conseqüentemente distúrbios na esfera da linguagem proposicional, sintática, instrumento de expressão do pensamento lógico e abstrato agora cindido. Torna-se muito difícil, às vezes impossível, a comunicação com o doente por meio da palavra (Silveira, 2015, p. 220).

Nise da Silveira foi a pioneira em relação a comunicação com pessoas esquizofrênicas, na qual priorizava a comunicação não verbal, uma vez que era a principal linguagem desse grupo de indivíduos, surgiu então a importância dos desenhos. Ao perceber os desenhos dos seus pacientes, Nise criou um ateliê de pintura e modelagem, constatando o mesmo que Jung: se para o neurótico – que seria todo, segundo Freud – o tratamento é através da palavra, da Psicanálise, já para o esquizofrênico, a palavra não dá conta (Modelli, 2016).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Silveira (2015) relata a sua experiência ao estudar desenhos realizados por indivíduos esquizofrênicos, ela observou que os desenhos evidenciam manifestações da criatividade imaginária, mesmo quando a personalidade permanece desagregada, esse método (desenhos) utilizado como terapia revela-se como uma forma de ação para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrem formas de expressão.

Como todo sistema vivo, a psique se defende quando seu equilíbrio se perturba. As imagens circulares, ou próximas ao círculo, dão forma aos movimentos instintivos de defesa da psique, aparecendo de ordinário logo no período agudo do surto esquizofrênico, desde que o doente tenha oportunidade de desenhar e pintar livremente num ambiente acolhedor. Isso não

indicará que, desde logo, a ordem psíquica seja restabelecida. As imagens circulares exprimem tentativas, esboços, projetos de renovação. Desde que comecem a diferenciar-se, seus detalhes formais podem trazer indicações clínicas de grande importância, pois estarão dando expressão à situação psíquica de seu autor no momento em que ele as configura (Silveira, 2015 p.62).

A autora cita que esses símbolos surgem originalmente de sonhos e visões e não de fantasia, o qual revela-se de grande interesse científico do ângulo da psiquiatria, uma vez que permite acessar os fenômenos da cisão, da desintegração das funções psíquicas. Do ponto de vista da teoria psicanalítica sobre o inconsciente, a produção plástica dos psicóticos vai muito além das representações distorcidas e veladas dos conteúdos pessoais reprimidos, e sua forma de expressão não são obrigatoriamente a linguagem (Silveira, 2015).

As imagens feitas por indivíduos com psicopatologias mostram sob várias formas, aspectos do inconsciente de defesa em luta para compensar a dissociação do consciente, são grandes as dificuldades que se opõem à ordenação do tumulto que é a psique do indivíduo. Contudo, as tentativas de ordenação interna, bem como as simultâneas tentativas de volta ao mundo externo, tornam-se mais firmes e duradouras se no ambiente onde vive o doente ele encontra o suporte do afeto (Silveira, 2015).

Para Souza (2011), a forma não verbal de comunicação através da produção de imagens traduz um sentimento de afeto a partir daquele que a produz no intuito de estimular aquele que as observa a entrar em contato com elas, como uma espécie de linguagem. Do ponto de vista da psicanálise a função de acolher através desse código de linguagem é essencial na comunicação e tentativa de encontrar algum sentido.

Diatkine (2007) conclui esse pensamento afirmando que o sonho, o desenho ou o jogo apresentam-se ao analista como uma espécie de linguagem cifrada, a ser decifrada por uma certa postura de observação; o grande enigma está em como desenvolver os processos de decifração.

O paciente, em meio a técnica projetiva, realiza através do desenho a expressão do seu pensamento, produzindo traços e formas que variam para cada indivíduo. O desenho da mandala é, nesse sentido, uma “linguagem cifrada” de caráter específico, servindo com um instrumento de manifestação do inconsciente e de mobilização da energia psíquica.

Silveira (2015) expõe que os desenhos da mandala feitos na clínica não são apenas uma expressão de forças ordenadoras mobilizadas quando a psique está em perigo de dissociar-se. Mas, se o simbolismo da mandala for aprofundado, e se forem pesquisados seus paralelos na filosofia antiga e na história das religiões, verificar-se-á que a mandala representa “Deus” (expressão arquetípica da Totalidade Psíquica) e a unidade do cosmos subjacente à multiplicidade das coisas apreensíveis pelos sentidos.

Jung (2011) corrobora com essa pesquisa afirmando que as coisas psíquicas são extremamente complexas. Porém, essas imagens produzidas por indivíduos com psicopatologia dão forma a forças do inconsciente que buscam compensar a dissociação, apontando para o centro, o *self*, simbolizado pela mandala.

Para Silveira (2015), o *self* é o princípio da orientação e do sentido: nisso reside sua função curativa. Na mandala, os símbolos do *self* sob as formas produzidas pelo inconsciente são totalitárias e exprimem ordem. Von Franz (2002) explica que a auto manifestação primária do inconsciente é representada na estrutura da mandala: quanto mais se aproximam do consciente, mais se diferenciam e, portanto, melhor estruturam as relações com o inconsciente.

Dibo (2006) corrobora com Silveira (2015) a respeito do potencial de totalidade das mandalas, o autor relata que essa pode ser empregada como um meio para unir a consciência individual com o centro da personalidade, além de ser um meio de concentração, como também, funcionam para dar proteção a indivíduos fragmentados, no qual a ordem da imagem rigorosa circular compensa a desordem e a perturbação do estado psíquico.

Na visão de Jung (2002), ao estabelecer uma relação com o *self* o indivíduo consegue reconciliar os opostos em tensão, resultando em um equilíbrio ao se reencontrar com “si mesmo”, notoriamente quando iniciado o processo de individuação.

Mota e Paula (2005) ressaltam que o processo de individuação é central na psicologia analítica. A primeira coisa a ser dita sobre este processo é que promove o contato com as demandas do inconsciente, levando o indivíduo a confrontá-las com as decisões conscientes:

A relação entre a consciência e o inconsciente por um lado, e o processo de individuação por outro, são problemas que surgem quase sempre nas etapas finais de um tratamento analítico. Considero “analítico” todo procedimento que se confronta com a existência do inconsciente. Esta problemática não existe em um procedimento baseado na sugestão. Não seria supérfluo dizer algumas palavras explicativas acerca da individuação. Uso o termo “individuação” no sentido do processo que gera um “individuum” psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo. Presume-se em geral que a consciência representa o todo do indivíduo psicológico. A soma das experiências, explicáveis apenas recorrendo à hipótese de processos psíquicos inconscientes, faz-nos duvidar que o eu e seus conteúdos sejam de fato idênticos ao “todo” (Jung 2002 p. 389).

Jung (2002) sustenta que essa é a força propulsora do processo de individuação: levar o conteúdo inconsciente para a consciência, atingindo a unidade psíquica. Nesse processo, a observação das próprias feridas se faz necessária para poder se ressignificar a existência, as escolhas e o caminho. A ampliação inicial de consciência é um dos passos necessários para alcançar o processo de individuação, que somente se completa, em uma de suas expressões, se o indivíduo for capaz de vivenciar e incorporar suas polaridades opostas.

A própria perspectiva junguiana de individuação, fortemente finalística, encontra eco em noções científicas contemporâneas para as quais não só a causa eficiente é importante, mas também o objetivo final de certos fenômenos da natureza (Mauricio; Zacharias, 2022).

Acerca de individuação, Torres (2018) explica que em todas as áreas da saúde é necessário buscar uma reflexão a respeito da individuação, constituindo como uma tarefa fundamental. O analista que conseguir estar em contato profundo com a ferida interior, e em contato com os aspectos de seu paciente, poderá operar a função transcendente, contribuindo para a melhora deste último.

Santo (2016) concluiu que as mandalas contribuem e beneficiam a prática clínica, proporcionando uma espécie de alívio ao sujeito, permitindo que se possa dar conta do que lhe atordoa. Ainda, é possível através delas compreender outras possibilidades de expressão daquilo que não consegue ser verbalizado. Nesse ângulo, trata-se de um dispositivo que se conecta ao conceito de imaginação ativa.

Os estudos de Jung (2016) confirmam que as mandalas provêm da imaginação ativa, ou seja, a produção consciente de uma ligação com o

inconsciente por meio da fantasia. Seu tema básico é o pressentimento de um centro da personalidade, um lugar central no interior da alma, com o qual tudo se relaciona e que ordena todas as coisas, representando ao mesmo tempo uma fonte de energia.

Os aspectos considerados relevantes na análise junguiana evidenciam que as mandalas aparecem de preferência depois de estados de desorientação, pânico ou caos psíquico. Sua ação terapêutica é a de transformar a confusão em uma ordem, sem que tal intenção seja necessariamente consciente. De qualquer forma, as mandalas tendem a expressar ordem, equilíbrio e totalidade. Com frequência, é ressaltado pelos pacientes efeitos como calma e tranquilidade, de forma geral, as mandalas representam também pensamentos religiosos, isto é, numinosos, ou ideias filosóficas nas quais se exprimem através da mesma. Elas possuem quase sempre um caráter intuitivo irracional e atuam de novo retroativamente sobre o inconsciente através de seu conteúdo simbólico (Jung, 2016).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenho da mandala compõe um conjunto de traços e formas no qual projeta para o papel uma linguagem não verbal do inconsciente, e a sua utilização é um instrumento na psicologia de que aquilo que o indivíduo não sabe sobre si tende a ser visto de forma externa através de suas expressões, nesse caso, a mandala. O uso dessa ferramenta iniciou-se com Jung dando continuidade com diversos outros como Nise da Silveira e Von Franz no qual mostraram a sua grande eficácia no entendimento na mente de indivíduos com psicopatologia, dentre elas a mais estudada foi a esquizofrenia.

O processo de individuação nesse sentido resulta em uma volta ao “si mesmo”, ainda que o indivíduo não esteja em crise, esse é o objetivo da psicologia analítica, contribuir para o desenvolvimento de uma relação entre consciente e inconsciente, fazendo com que a mandala sirva de intermediador a esse fato.

Assim como qualquer técnica projetiva, a mandala é uma tentativa de alcançar o inconsciente de forma externa, portanto, deve ser usado quando a palavra e a razão já não são mais capazes de levar a novos caminhos tornando

os meios de análise não mais efetivos. O propósito é alcançar uma relação de troca para que tenha sentido, através das imagens projetadas.

## REFERÊNCIAS

ARCURI, I. P. G. Psicoterapia junguiana, calatonia e arte. **Ver, Psicologia**, ISSN 1413-4063, v. 18, n. 1, 2009.

BOECHAT Paula Pantoja. A associação Junguiana do Brasil frente ao futuro da Psicologia Analítica. **Cadernos Junguiano**, v.16, n. 16, novembro 2022. São Paulo: AJB, 2022.

COSTA, A. C. F.; ARGOLLO, L. L. Reflexões sobre o tarô numa abordagem junguiana e sua possível utilização na prática clínica. **Revista Conversas Em Psicologia**. 2022.

CHANDRA, T.; KUMAR, R. Gods, goddesses & Religious symbols of Hinduism, Buddhism & Tantrism. Kathmandu, Nepal: Modern Printing Press, **Rev. Art Therapy**, v. 4, n. 32005.

DIATKINE, R. As linguagens da criança e a psicanálise. **Ide: Psicanálise e Cultura**, 45, 35-44, (2007).

DIBO, M. Mandala: um estudo na obra de c. G. Jung. **Rev. Último Andar**, São Paulo, (15), 109-120, dez., 2006.

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

GARCIA, A. R. de S. Mandalas: a magia do inconsciente que se revela. **Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde**, nº 10, Jun/2022- ISSN 2525-4014.

GONÇALVES, M. M. Ensaio introdutório: direito penal e psicologia analítica. **Rev. RECIFAQUI**, V. 1, N. 11, 2021. ISSN 2675-5025.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / C.G. Jung. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Jung, Carl Gustav, 1875-1961. **Psicologia e alquimia** / C.G. Jung; tradução Maria Luiza Appy, Margaret Makray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão literária Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy; revisão Técnica, Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. Ab-relação, **Análise dos Sonhos**, Transferência. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. A Energia Psíquica. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAURÍCIO A. V.; ZACHARIAS, J. J. de M. Deuses feridos: a simbologia das divindades feridas no candomblé e no cristianismo, e seu papel no Processo de individuação. **Cadernos Junguiano**, v.16, n. 16, novembro 2022. São Paulo: AJB, 2022.

MENDONÇA, B. I. de O.; BRITO, M. A. Q. de. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. **Rev. IGT rede** vol.14 no.27 Rio de Janeiro jul./dez. 2017. Versão On-line ISSN 1807-2526.

MIGHUEL, F. K. Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. **Psico-USF** 19 (1). Abr 2014 • <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100010>.

MODELLI, L. **Nise da Silveira: entre a loucura, a rebeldia e a arte**. Grupo Cult, edição 213, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entre-a-loucura-a-rebeldia-e-a-arte/>. Acesso em: 13 de Novembro de 2023.

MOTTA Fernando C. Prestes; PAULA Ana Paula Paes de. Meia-idade, individuação e organizações. **o&s** - v.12 - n.34 - Julho/Setembro - 2005

RAFAELLI, R. Jung, Mandala e Arquitetura Islâmica. **Rev. PSICOLOGIA USP**, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20(1), 47-66.

RAMOS, F. da S. **Forma E Arquétipo: Um Estudo Sobre A Mandala**. Universidade Estadual De Campinas, Instituto De Artes, Campinas – 2006.

REIS, A. C. dos. Arte terapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Artigos. **Rev. Psicol. Ciênc., prof.** 34 (1), Mar 2014. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>

ROCHA, C. A. da. Processo de Individuação de Jung: a Projeção como Barreira ao Autodesenvolvimento. **Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 1, n. 2, jul.-dez., 2018.

SANTO, T. S. G do S. **O que pode a mandala na escuta clínica?** Centro Universitário Univates, Curso De Psicologia, Lajeado, Junho 2016.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015. ISBN 978-85-326-4985-0.

SOUSA, M. D. P de. **Mandalas ou o círculo mágico uma abordagem em contexto educativo**. Universidade De Lisboa, Faculdade De Belas-Artes, 2012.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. Bol. psicol., São Paulo, v. 61, n. 135, p. 207-215, jul. 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 09 maio 2024.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Rev. abordagem gestalt.** vol.16 no.1 Goiânia jun. 2010. Versão impressa ISSN 1809-6867.

TORRES, Renata Ferraz. **O curador-ferido e a individuação.** Junguiana, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 49-58, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252018000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 09 maio 2024.

TRENTO, A. C. F.; PAULA, L. M. Q.; ROCHA, M. S.; LUIZ, R. G. Projeções, fantasias e relações sociais: uma análise junguiana sobre a pornografia na atualidade. **Rev. Inst. Junguiano**, São Paulo, 2021;6:e07. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2021.vol06.0007.

VALLADARES, A. C. A. et al. **Arte terapia: criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos.** In: JORNADA GOIANA DE ARTETERAPIA, 2., 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: FEN/UFG/ABCA, 2008. p.69-85. Cap.9.

VON FRANZ, M. L. **Processo de individuação.** In: JUNG, C.G. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

ZOJA Luigi. Paranoia coletiva. **Cadernos Junguiano**, v.16, n. 16, novembro 2022. São Paulo: AJB, 2022.